

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Regional

Tiragem: 0

Temática: Política

Dimensão: 885 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 11



EDUARDO BORBA DA SILVA

ENTRELINHAS NÓRDICAS

Etimologia de corrupção

Na Dinamarca discutem-se quais as razões que levaram a Transparency International a descer a pontuação atribuída ao país. Num artigo no Berlingske Tidende, um dos mais importantes diários dinamarqueses, aventam-se algumas hipóteses. Não restam quaisquer dúvidas de que o branqueamento de dinheiros ilícitos, um escândalo que envolveu um dos mais conceituados bancos dinamarqueses, foi a razão principal. Muitas dezenas de milhões de euros transitaram por um labirinto de contas e empresas fictícias, através das filiais do Danske Bank, na Estónia, na Letónia e na Ucrânia. Dinheiros de origem mais que duvidosa, que depois ressurgiram com sendo resultado de transações legítimas.

Depois foi o desfalque de doze milhões de coroas, um golpe orquestrado por uma funcionária do Ministério da Segurança Social, que arranjou maneira de manipular o sistema informático e transferir fundos destinados a programas de apoio social, para as suas contas. No passado mês de Dezembro, foram condenadas várias pessoas acusadas de tráfico de influência e suborno; no banco dos réus estava sentado o responsável pelos serviços informáticos da polícia. Como se isso tudo não bastasse, aqui há semanas o chefe do estado-maior do exército, um general muito estrelado, foi demitido, pois descobriu-se que tinha mandado alterar um regulamento qualquer,

para facilitar a promoção de uma namorada. É caso para invocar o imortal desabafo de Marcellus, no Hamlet de Shakespeare, e declamar com arte e sentido dramático, que “something is rotten in the Kingdom of Denmark”. Por isso os dinamarqueses andam apreensivos e algo angustiados, quando descobriam que algo está mesmo muito, muito podre no seu idílico Reino.

Mas, nestas coisas de corrupção e podridões avulsas, Portugal ganha de longe aos nossos amigos dinamarqueses. Infelizmente. Sempre no couce da Europa em quase tudo o que conta, na corrupção marcam-se pontos. Se estudarmos com atenção os relatórios sobre a corrupção, a nível global, o conjunto dos países lusófonos anda muito mal. No “quadro de desonra” mundial estão todos irmanado, por essa acentuada tendência para a cleptocracia. Um mal endémico. Angola e Moçambique, claro está, em lugares de destaque, e o Brasil quase a seguir.

Mas vamos então à etimologia. Aqui há tempos fiz alguns comentários, ligeiramente críticos, a uma curiosa obra pseudo-científica, editada com dinheiros da região, e, ao que parece, destinada ao pessoal da diáspora açoriana. O famigerado livrinho, de pequeno formato, escassas páginas e pouca substância, teve direito a nada menos de três loantes prefácios, assinados por individualidades – acho que é assim que se diz - ligadas à Universidade de dos Açores e ao governo. Cer-

tamente por falta de espaço, não faz nenhuma referência à origem da palavra “corrupção”.

Fui ao Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, do José Pedro Machado, que regista o vocábulo como sendo de origem latina: corruptione. O Oxford Latin Dictionary, por sua vez, elenca: corrumpere, corrumpere, corruptio, corruptor, corruptrix e corruptus. Santa Rosa Viterbo, no seu Elucidário, dá conta de um documento datado de 1292, onde o vocábulo aparece com a forma de “corrumpudo”, que o bom frade explica ter o significado de “viciado, corrompido”. Já o Dicionário Jurídico, Theoretico, e Practico, remissivo às Leis Compiladas, e Extravagantes”, publicado em Lisboa em 1825, explica que se trata de um crime “de que se fazem culpados todos aqueles que estão revestidos de alguma autoridade quando se-cumbem à sedução”. Se seguirmos em frente, pelas vias travessas da etimologia, podemos traçar uma linha do latim até ao sânscrito “rupya”. O significado original seria, portanto, rasgar, cortar, romper. Em suma: destruir o tecido social.

Geralmente associamos a palavra a dinheiros ilícitos, roubo de fundos públicos, etc. Mas a corrupção assume outras formas, talvez ainda mais nefastas, quando se torna endémica e se aceita como uma coisa normal. Um dia, se não me negarem tinta e papel, hei-de contar a história do diplomata português da embaixada de Londres, que recebeu

um telefonema de um ministro a pedir bilhetes para oferecer a um primo que queria assistir à final da Taça de Inglaterra...

Quem estuda estas matérias a fundo, tenta explicar por que razão alguns países são mais corruptos que outros. No caso português, a existência de um corpus legislativo de grandes proporções, as remunerações baixas do funcionalismo público e os costumes imperos burocráticos combinam mal. Lá diziam os romanos, no seu afinado latim: Corruptissima republica, plurimae leges, que quer dizer qualquer coisa como, “estado muito corrupto, abundância de leis”. Mas isso só por si não explica tudo. A falta de uma imprensa atenta e crítica é outro fator importante. Um livro interessante e muito esclarecedor é o da jornalista Sarah Chayes, intitulado “Thieves of State: Why Corruption Threatens Global Security”, e já agora outro, felizmente já traduzido para português, da autoria de dois investigadores de marca, Daron Acemoglu e James Robinson: Porque falham as nações.

P.S. - Li algures que foi criada um “comissão científica” ou coisa parecida, que acompanhará o combate à pobreza nos Açores. Se realmente querem eliminar a pobreza e outros males e injustiças sociais seria, talvez, melhor pedir aos “cientistas” para estudarem o fenómeno da corrupção que grassa um pouco por toda a parte, em Portugal e nas ilhas a ele sujeitas. ■

